

Suplemento Cultural

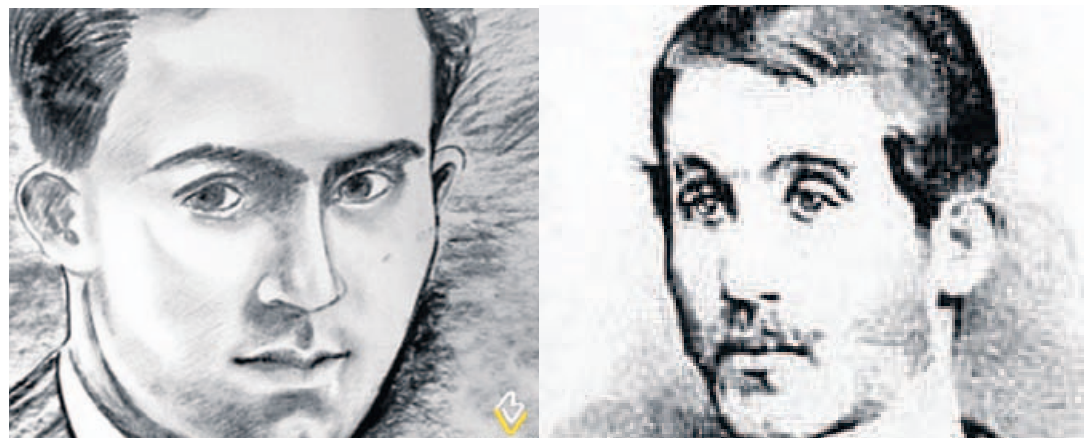
LOBIVAR MATOS E MANOEL DE BARROS – CESÁRIO VERDE E FERNANDO PESSOA: APROXIMAÇÕES

RAQUEL NAVEIRA – vice-presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

Chegamos a Corumbá percorrendo as serras, observando o voo dos tuiuiús e das araras azuis, espalhando pelo ar o pó claro da terra calcária. As ruas de paralelepípedos, os casarões antigos, as palmeiras que levam ao porto, tudo nessa cidade é mágico. É fronteira vazada, tríplice (Brasil, Paraguai e Bolívia); é passado das culturas da platina e do chaco. À noite, fantasmas percorrem as avenidas largas. Foi assim que encontrei em frente ao cais, lugar de saudades que se transformam em pedras, o poeta Lobivar Matos. Magro, baixo, orelhas de abano, olhar inquieto, esse corumbaense falecido precocemente em plena fase de amadurecimento pessoal e do movimento modernista, estendeu-me a mão e me fez caminhar pelas páginas de seus livros, pelas sílabas e silêncios de seus poemas. *Areotorare*, o livro de estreia, refere-se ao índio que fala aos irmãos da tribo, em volta da fogueira, contando histórias e perpetuando lendas. *Sarobá*, nome de um bairro pobre de negros, lugar sujo, miserável, onde habitavam a mulata Isaura, o Nhô Juca, Mané Galvão, os moleques, as lavadeiras, os marginalizados, os excluídos, os anônimos, figuras humanas tristes, quase trastes, vestidas de trapos, acostumadas ao banzé de cuia, à bagonça, ao forrobodó. “- Vê, disse-me ele, é uma mancha negra bulindo na cidade mais branca do mundo”. De uma bica pingava água e fazia lama no chão socado.

Conduziu-me a uma igreja, onde ficou namorando os desgraçados encolhidos na escadaria. “- Os verdadeiros santos”, confessou-me ele sobre sua religião pessoal que misturava dor, compaixão e solidariedade.

Literatura é mesmo invenção e memória, concluo enquanto chacoalha o ônibus que me afasta de Corumbá e do fantasma de Lobivar. Abro o livro *A Vida e a Obra de Lobivar Matos*: o modernista (des)conhecido”, da professora Susylene Dias de Araujo, sua tese de Doutorado, defendida na Universidade Estadual de Londrina (UEL). Mas se é um trabalho científico em que a autora apresenta Lobivar Matos como “o sábio bororo de *Areotorare*”; o poeta-filósofo-fotógrafo que revela Sarobá à luz dos lampiões e da consciência sociológica; o poeta que nos deixou um livro inédito, o *Rendas da Interrogação*, datado de 1933, formatado pelo próprio autor, resistindo ao tempo, cheio de devaneios poéticos, coletânea de epígrafas e referências, permeado de dúvidas que se trançam como rendas nas rodas do Destino, por que choro assim? Por que as lágrimas inundam minha face constatando quão inútil foi para o poeta sofrer tanto pela humanidade? Ofereceu-se como sacrifício vivo. Ele que acordara contente numa manhã de sol, com vontade de se estirar na areia, mas que, ao lembrar dos milhares de irmãos injustiçados, trancados nas prisões, começou a sentir a úlcera do fígado doer, doer, até estourar. Gemeu e gritou até a morte. As veias e os versos secos.



LOBIVAR MATOS (À ESQUERDA, CORUMBAENSE) E CESÁRIO VERDE (PORTUGUÊS). Ambos enveredaram pela poesia modernista, mas morreram precocemente: Cesário aos 31 e Lobivar ao 32 anos

“

Encontros, tesouros, aproximações: Lobivar Matos/ Manoel de Barros – Cesário Verde/Fernando Pessoa. A arte é longa; a vida é curta. Mais curta ainda para os amados poetas que morreram jovens”

No capítulo “A Amizade Literária”, um encontro, um tesouro, uma aproximação no tempo e no espaço: Lobivar Matos e Manoel de Barros foram amigos na infância, habitaram o chão da branca cidade de Corumbá. Embora de famílias diferentes, receberam o sobrenome Barros em seus registros de nascimento. Lobivar, o mais velho, de 1915, teve sua vida abreviada aos 32 anos. Manoel, de 1916, faleceu aos 98 anos, gênio reconhecido, aclamado pelo público leitor e pela crítica. Lobivar e Manoel se conheceram, conviveram em Corumbá e no Rio de Janeiro, onde ambos cursaram Direito e tentaram ampliar seus horizontes existenciais e literários. Lobivar apresenta Manoel como “um novo poeta que surge”, “um poeta originalíssimo” o seu amigo Nequinho. Fala entusiasticamente de uma efervescente geração de poetas, anuncia o surgimento de modernistas no sul de Mato Grosso. Em 1936, Lobivar publica *Poemas Concebidos sem Pecado*. Dois jovens poetas amigos. “Lobivar, o Lolito, foi meu amigo até uma semana antes de sua morte”, escreveu Manoel de Barros em carta à professora Susylene, resgatadora de fios e rendas. Influenciaram-se mutuamente. Lobivar vaticinou a liberdade. Manoel viveu-a com intensidade criativa.

Essa história me lembrou de outro encontro,

outro tesouro, outra aproximação: Cesário Verde e Fernando Pessoa, poetas modernistas portugueses. Amo a dicção dos poetas portugueses! Cesário Verde nasceu em Lisboa, em 1855, filho de um lavrador e comerciante. Foi obrigado a dedicar-se às atividades práticas que colidiam com seu temperamento sensível. Faleceu em 1886, aos 31 anos. No ano seguinte, Silva Pinto reuniu seus poemas no *O Livro de Cesário Verde*. Trata-se de um lirismo não amoroso, não metafísico, de um repórter atraído pela cidade pulsante, cheio de emoção perante o real cotidiano, fascinado pela paisagem citadina, que, ao mesmo tempo, o seduz e o repele, como um visgo, um nojo, um desencanto. No longo poema “O Sentimento de um Ocidental” aparecem “as ruas de Lisboa ao anoitecer, soturnas, melancólicas, as sombras, a maresia do Tejo, o gás extravasado, as chaminés, a turba, as fragatas ancoradas, o miado das gatas, o cheiro de peixe podre gerando focos de infecção”. Tudo muito forte, moderno e perturbador.

Morre tão jovem Cesário Verde! O lírico insatisfeito, o visionário de objetos e belezas que só mais tarde viriam a ser explorados por Fernando Pessoa, seu discípulo, seu continuador.

Fernando Pessoa, maior poeta português depois de Camões, nasceu em Lisboa em 1888 e faleceu em 1935, aos 47 anos de idade, de cirrose. Assinando com seu heterônimo Álvaro de Campos escreve o poema “Lisbon Revisited”, claramente inspirado em Cesário Verde. Álvaro de Campos, na cosmo visão pessoana, é poeta irritadiço, grandiloquente, nihilista, ofensivo, agressivo em contato com a civilização nas suas engrenagens de máquina. E desabafa aos seus contemporâneos cegos: “Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje!”

Encontros, tesouros, aproximações: Lobivar Matos/Manoel de Barros – Cesário Verde/Fernando Pessoa. A arte é longa; a vida é curta. Mais curta ainda para os amados poetas que morreram jovens. Alguns pontos sempre aproximam os poetas: amizades, cidades, livros, pedras, portos e rios. O rio Paraguai e o rio Tejo desembocam na foz, na voz de seus poetas, penso, o rosto encostado no vidro do ônibus que atravessa o Pantanal.

A DONA DE CASA

ADAIR JOSÉ DE AGUIAR

Conta-se que um anacoreta, que vivia em penitência no deserto, certo dia, achou de interrogar a Deus, querendo saber quem era a pessoa mais santa daquela região, uma vez que ele próprio se tinha por muito santo, já que abandonara tudo, a sua existência era contínuo jejum, abstinência e oração.

O Senhor estranhou o pedido de seu servo, mas resolveu satisfazer-lhe a vaidosa curiosidade.

Então, estando o monge em profunda concentração, o Senhor lhe falou:

Vai, posta-te à entrada da cidade, antes do nascer do sol, a primeira pessoa que vires entrando pelo pórtico, essa será a mais santa aos meus olhos.

O ermitão foi. A madrugada já se desfazia no amanhecer, e ele, concentrado e curioso, observava.

Eis que se aproxima alguém, era uma mulher humilde, vestida com simplicidade, tendo um véu à cabeça e as mãos calosas.

O ermita intercepta e interpela:

Quem és tu? O que fazes?

Sou uma dona de casa, responde a mulher.

Talvez, o ofício mais antigo da humanidade, a dona de casa é aquela que lava, passa, cozinha, cria e cuida dos filhos, serve ao marido, adminis-

“

Talvez, o ofício mais antigo da humanidade, a dona de casa é aquela que lava, passa, cozinha, cria e cuida dos filhos, serve ao marido, administra uma casa e uma família”

tra uma casa e uma família.

Tudo em silêncio, tão anônimo que, para a sociedade, parece natural e sem muita importância nas estatísticas e demais registros sociais.

Nos cadastros e outros apontamentos necessários, por ser comum, vão colocando: “dona de casa”, pois não é advogada, nem médica, nem professora, etc.

Mas esse caráter, aparentemente sem importância, é que a torna digna e necessaríssima para o mundo.

A dona de casa é realmente a base, o alicerce máximo da família, a “célula mater” da sociedade, ela resume tudo ou quase tudo, porque a dona de casa é a educadora dos filhos, a contadora do lar, que faz milagre de subsistência com um salário, a médica e enfermeira nas enfermidades familiares, a advogada na defesa

do direito dos seus.

E quando ainda trabalha fora, aí, torna-se uma heroína, acumulando tarefas diferentes e inadiáveis. Ela não tem “stress”, ainda mais se for pobre!

Muitas vezes, o marido e até os filhos não reconhecem o seu labor, a sua dedicação, sem imaginarem que ela possa estar sofrendo, precisando de carinho, compreensão, amor, porque julgam que aquela é a sua vocação, o seu destino e fica por isso!

Nos braços dela, entretanto, que eles choram as mágoas, as suas decepções.

É junto dela que encontram perdão para as suas fraquezas e afeição para os momentos de solidão.

Com ela, adquirem ânimo e coragem para enfrentarem as lutas diárias e a desumanidade-padrão dos nossos meios sociais.

Quando ela se vai, às vezes, consumida pelos sacrifícios, um vácuo enorme, do tamanho do mundo, toma conta da casa e do coração dos familiares!

Felizmente o mundo moderno está mudando para melhor e a dona de casa começa a despontar como um valor. Até direitos previdenciários já estão sendo reconhecidos!

Acho que foi por essa porta de dona de casa que Maria, Mãe de Jesus, entrou para a História.

Esta é uma homenagem que presto à minha irmã Maria de Lourdes Aguiar e Silva, prestimosa dona de casa, prematuramente desaparecida, num dia dos pais, em Campo Grande.

POESIA

CONFIDENTE PLENITUDE DO SER

estava despido no sonho
leve
breve
qual pássaro
com olhos de estrelas...

de súbito
percebeu
o eco e a cor da
liberdade...

um incêndio de indiferença
bebeu-lhe os calafrios
e os impulsos cativos...

no espaço sideral da sua mente
galáxias inexploráveis
sorriram-lhe...

desde aquela noite
[em confidente solidão]
reinventa-se de novos gorjeios
a cada manhã...

RUBENIO MARCELO

(poema do seu livro “Vias do Infinito Ser”)

EVOLUÇÃO E RENÚNCIA

ALTEVIR ALENCAR

A lei futura está, não há dúvida, no Evangelho de Cristo e se realizará no esperado reino de Deus. Mas esta lei nos aparece hoje como um caso limite, de que só é possível avizinhar-se por aproximações sucessivas, por meio do uso inteligente das forças biológicas e psicológicas. As verdadeiras soluções partem do indivíduo, do coração do indivíduo atingem a substância, mudando primeiro a conformação da alma individual. Não se trata de experiências coletivas exteriores, de sistemas reorganizadores; trata-se de maturação psicobiológica; trata-se de compreender a ela e de secundá-la. E não pode ser negada, porque é irresistível.

O problema pode considerar-se como religioso, político, econômico, jurídico, artístico, científico; atinge o homem integral e, portanto, todas as suas manifestações. Não se trata de destruir, mas de sublimar as notas fundamentais da personalidade; vontade cada vez mais viril, inteligência mais aguda, coração sempre mais sensível e aberto. É a redenção de Cristo. O Evangelho é seu código, a virtude é a norma, a vida dos santos, a experiência. É a fé que anima todas as religiões, cada uma em seu nível. Corpo e espírito são posições vizinhas, duas fases, dois mundos, duas leis. O homem conquistou o poder fora de si, o domínio da Terra. Agora tem que conquistar o Poder dentro de si, o domínio do espírito.

A sociedade moderna está esmagada pelo peso de hábitos custosos e supérfluos; é uma corrida à multiplicação artificial das necessidades, escarificação real, alegria efêmera, porque se desvaloriza com o costume.

Há uma pobreza econômica, que pode amplamente ser compensada por uma grande riqueza moral, como existe uma miséria moral que nenhuma riqueza poderá jamais preencher. Esse é o nosso tempo. O deus utilitário de nossa civilização moderna impõe, a cada dia, um esforço maior do que impõe o deus da renúncia. Mesmo se obtivermos a riqueza, que nosso coração esteja desapegado dela. Muitos pobres são apenas ricos frustrados, igualmente ávidos e culpados. Elas terão ainda que sofrer e superar a prova da riqueza, para aprender a sublime lição do desapego.

É mister não esquecer que a evolução não se força nem se usurpa, porque se trata de um amadurecimento contínuo, que só se pode obter por meio de longo trabalho constante, mas se pode facilitar e acelerar sua realização, escolhendo o caminho, ao invés de lançar-se em tentativas, à mercê do acaso.

O valor supremo do homem não consiste em abandonar-se irresponsavelmente à função animal de procriar, mas reside em enfrentar consciente e responsável a função moral de criar.

Num nível mais alto, o homem é feito para o trabalho, para a criação material e espiritual, para o domínio sobre a natureza e sobre si mesmo; a mulher é feita para o sacrifício e a formação de almas. Esta é a meta substancial. Esta é a Lei.

NOTÍCIAS DA ACADEMIA

ACADÊMICO GUIMARÃES ROCHA, DA ASL, TOMA POSSE COMO PRESIDENTE DA ACADEMIA MAÇÔNICA DE LETRAS/MS – A Academia Maçônica de Letras de Mato Grosso do Sul fará sessão magna para dar posse à sua nova Diretoria e Conselho Fiscal, quando assumirá a presidência da entidade nosso confrade Antônio Alves Guimarães (Guimarães Rocha). A solenidade acontecerá em 09 de dezembro de 2017 (sábado), no salão de Festas do Grande Oriente do Brasil – Mato Grosso do Sul, sito à Rua São Félix, 789 – Vilas Boas. Acadêmicos e amigos são convidados.